

# *A influência do cristianismo na formação da cultura ocidental*

**José Normando Gonçalves Meira**

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes  
Claros, MG, Brasil.

*E-mail:* meirajng@gmail.com

## RESUMO

Este estudo discute o cristianismo como uma das principais matrizes da cultura ocidental. Fundamenta-se teoricamente em Max Weber (2004), que aponta o impacto das convicções religiosas na ação social dos indivíduos, constituindo-se em importante elemento para a análise das diversas sociedades. Dawson (2016), Minogue (2019), Nicodemus (2019), Pearcey e Thaxton (2005) e Cambi (1999) serviram ao diálogo sobre diversos aspectos do tema proposto. Trata-se de um estudo introdutório com o objetivo de estimular reflexões e delimitações temáticas que permitam abordagens mais aprofundadas.

## PALAVRAS-CHAVE

Religião. Cristianismo. Cultura ocidental.

O estudo das convicções religiosas tem sido considerado fundamental para a interpretação das ações humanas em diferentes sociedades e em diversos contextos. A sociologia da religião de Max Weber destaca essa importância. Para ele, as convicções religiosas influenciam diretamente a “ação social” dos indivíduos (Cohn, 2000). Berger (1985, p. 15) afirma que “toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa lugar destacado nesse empreendimento”. Para Nicodemus (2019, p. 18), “a cosmovisão é uma maneira de ver o mundo de acordo com aquilo que se crê”, e Allen (2022, p. 20) completa: “Nossas cosmovisões determinam não apenas como pensamos, mas também como agimos”. Assim, a pesquisa dos credos religiosos e de seu impacto social é de reconhecida relevância. O estudo sobre o cristianismo, considerando o seu alcance não apenas no Ocidente, e o impacto das suas diferentes vertentes nas sociedades em que se instalam, deve ser um objeto de contínua investigação.

A influência do cristianismo na formação da cultura ocidental tem sido discutida por diversos autores sob diversas perspectivas teóricas. Considerando, porém, a tendência atual, por causa da hegemonia de teorias críticas que propõem a “desconstrução” de valores centrais dessa cultura, uma revisão desse

tema parece-nos pertinente. O que produzimos aqui são considerações introdutórias, despreziosas, com o objetivo de despertar-nos para a identificação da referida tendência hegemônica no meio acadêmico e sua influência na sociedade em geral. Essas abordagens colocam o “cristianismo sob suspeita”. Análises que partam de pressupostos diferentes dessas correntes hegemônicas contribuem para o diálogo e oferecem alternativas para a compreensão da realidade proposta.

Sobre a importância do cristianismo para a cultura ocidental, mesmo depois do processo de secularização dessa cultura, iniciado no Renascimento e consolidado no Iluminismo, Libâneo (2013, p. 2) afirma:

A cultura ocidental não se pensa sem a história do cristianismo. Ele permeou-a em todos os campos, desde o estritamente religioso até o político, passando pelo artístico. Qualquer turista que visita a Europa extasia-se diante das monumentais obras do cristianismo. [...] O cristianismo continua, sim, mas dissolve-se na cultura ocidental, como sal na água. Não se vê o sal, mas sente-se a água salgada. Neste sentido, a cultura ocidental continua a ostentar valores que ela recebeu e aprendeu da tradição cristã.

Dawson (2016, p. 34) destaca a peculiaridade do cristianismo por ser uma religião histórica cujas origens e penetração social ao longo do tempo conseguimos identificar:

As grandes religiões do mundo são como caudalosos rios de tradição sagrada, avançando sobre as eras e percorrendo diferentes cenários históricos, irrigados e fertilizados. Em geral, não podemos traçar sua nascente, que está perdida nos remotíssimos e inacessíveis veios de um passado que há muito se foi. [...] A história da cristandade se apresenta como notável exceção a esse padrão. Conhecemos muito bem o cenário histórico em que o cristianismo surgiu. Temos em mão as cartas dos fundadores das primeiras Igrejas dirigidas às primeiras comunidades cristãs e podemos traçar, em detalhes, os sucessivos estágios de penetração dessa nova religião no ocidente.

Os críticos do Ocidente questionam o papel do cristianismo nessa história, mencionando as suas imperfeições dessa sociedade em que a referida religião imprimiu as suas marcas. Minogue (2019) comenta uma revolta que atualmente é cultivada contra a modernidade ocidental pelos próprios ocidentais. Segundo ele, tais críticas focam as imperfeições do livre mercado, chamado pejorativamente de capitalismo. Optam pela ênfase nas imperfeições e não nas realizações. Normalmente, essa crítica está baseada numa perspectiva utópica, que

espera uma sociedade perfeita. A abordagem epistemológica de Minogue (2019), como os conservadores em geral, parte do pressuposto de que não há sociedades humanas perfeitas na terra. Nesse aspecto, a cosmovisão cristã alinha-se ao pensamento conservador, pois entende que vivemos em um mundo caído e que, embora o cristão tenha a responsabilidade de praticar nele os efeitos da redenção, a plenitude da restauração se dará no final dos tempos. Não há pretensão cristã de negar as imperfeições dentro da própria igreja e de lamentáveis adaptações dos cristãos a diversos tipos de injustiças em diferentes contextos. Embora seja compromisso do verdadeiro cristão a busca do aperfeiçoamento segundo a orientação divina, na sua Palavra, a sociedade perfeita só será possível na consumação: “Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça” (2 Pedro 3:13).

Contrapondo-se aos críticos da consumista, desigual, ambiciosa modernidade ocidental e, conseqüentemente, das suas matrizes, Minogue (2019) ressalta algumas realizações dessa cultura pautada pela liberdade em geral e especificamente pela liberdade de mercado, geradora de riquezas e incentivadora de invenções. Legados como liberdade, democracia, riqueza e ciência fazem do Ocidente uma referência para o mundo. Ressalta que esses produtos da sociedade ocidental fazem com que os países do Ocidente sejam desejáveis, atraindo imigrantes oriundos de diversas outras culturas. Além disso, os próprios críticos da cultura “capitalista” ocidental dificilmente estariam dispostos a trocá-la por outras disponíveis no mundo. A sociedade alternativa, livre das imperfeições ocidentais, estaria, segundo ele, apenas nos sonhos desses críticos utópicos. De acordo com Minogue (2019, p. 10):

Não apenas os críticos do capitalismo aferram-se com toda força a seus confortos ocidentais, como também milhões de pessoas de outras partes do mundo migram a toda velocidade para nosso vil mundo capitalista. Há, portanto, uma diferença notável entre, de um lado, a teoria crítica e, de outro, as ações de pessoas cujas vidas e felicidade reais dependem das decisões que tomam.

Mesmo reconhecendo as dificuldades e mazelas da imperfeita cultura ocidental que devem ser enfrentadas com a busca da ampliação da predominância da virtude e da moral, Minogue (2019, p. 10) ressalta que não se pode ignorar que “a modernidade é uma civilização que amplia a prosperidade, preserva a vida e aumenta a liberdade”. Um exercício relevante é buscar a compreensão dos fundamentos históricos dessa cultura. Nessa busca, a história do cristianismo, da sua cosmovisão, ao lado da cultura greco-romana, é um dos elementos principais.

Cambi (1999, p. 121), em sua obra que é referência no estudo da história da educação, ressalta a influência social do cristianismo exatamente por causa de sua ênfase didática, orientada pelo Mestre na realização do discipulado por todos que se dispõem ao aprendizado: “a sociedade enquanto religiosamente orientada torna-se educadora”. Para ele, “o advento do cristianismo operou uma profunda revolução cultural no mundo antigo, talvez a mais profunda que o mundo ocidental tenha conhecido na sua história” (Cambi, 1999, p. 121). Completa:

[...] um novo “tipo” de homem (igualitário, solidário, caracterizado pela virtude da humildade, do amor universal, da dedicação pessoal, como ainda pela castidade e pela pobreza), que pelo âmbito religioso vem modelar toda a visão da sociedade e também os comportamentos coletivos, reinventando a família (baseada no amor e não apenas e sobretudo na autoridade e no domínio), o mundo do trabalho (abolindo qualquer desprezo pelos trabalhos “baixos”, manuais, e colocando num plano de colaboração recíproca os patrões e os escravos, os serviçais, os empregadores e os dependentes) e da política. [...] Nasce um novo modelo de sociedade inspirada e sustentada pelos valores do Evangelho e que encontra na Igreja o seu ideal-guia e o seu instrumento de atuação, já que se afirma como uma sociedade baseada em relações de fraternidade e civilidade, além de igualdade, e como o motor de renovação de todo o processo da vida social (Cambi, 1999, p. 121).

Como já mencionado, os próprios cristãos reconhecem que os elevados ideais elencados por Cambi (1999) não são perfeitamente experimentados no seio da comunidade cristã. Trata-se de um padrão a ser perseguido mediante esforço. Mas a existência desse parâmetro e a consciência da necessidade de ser almejado já são fatores que deixam as suas marcas na cultura dos povos que o absorvem. Verificam-se, portanto, aspectos da ética cristã em diversas realizações do mundo ocidental. Na educação, com a inclusão das pessoas de diversas condições socioeconômicas na leitura, na escrita, na história da arte em geral e, especificamente da música<sup>1</sup>, no individualismo que promove a liberdade e a responsabilidade, na produção e na ampliação do alcance da reflexão filosófica, na política e no desenvolvimento da ciência moderna e na política.

No que diz respeito à educação, Nunes (2017), comentando os objetivos de Martinho Lutero em recuperar os princípios originais do cristianismo, remete ao mandamento inicial de Cristo aos seus discípulos: “Ide, ensinai a todos...”. Embora esse princípio tenha sofrido importantes limitações durante o período

1 No documentário *A primeira arte*, do Brasil Paralelo, fica evidente a relação entre o cristianismo e marcos importantes na história da música. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iXXMbbEs2I0>. Acesso em: 28 mar. 2023.

medieval, quando a educação escolar teve alcance bastante restrito em razão do desenvolvimento da doutrina clerical no seio do cristianismo, além de outros fatores que reforçaram tais restrições, a ideia de ler o texto sagrado com a responsabilidade de interpretá-lo corretamente para uma resposta adequada ao Criador faz parte da tradição cristã. Matos (2008, p. 10) afirma: “Nunca se deve esquecer que a igreja cristã nasceu no seio de judaísmo. Jesus Cristo e os primeiros cristãos eram todos judeus e o novo movimento herdou dessa matriz um legado muito importante, a começar das Escrituras Hebraicas”.

A observação supra lembra-nos do que afirma Wines (2018, p. 87) sobre a educação hebraica, cujos princípios foram absorvidos pelo cristianismo, considerando os seus pressupostos comuns, relacionados à necessidade de os indivíduos, independentemente da sua condição social ou econômica, terem um contato significativo com o texto, compreendendo-o para praticá-lo em obediência ao seu Criador:

Todo israelita, fosse pobre ou rico, sadio ou doente, velho ou jovem, é obrigado a estudar a lei e, mesmo se for tão pobre a ponto de ser mantido por caridade ou mendigando de porta em porta e se tenha esposa e filhos, ele deve consagrar algum tempo para meditação diurna e noturna na lei.

A Reforma Protestante do século XVI, ao sistematizar a doutrina do *Sola Scriptura* e do sacerdócio universal dos cristãos, rompendo com a doutrina clerical desenvolvida durante a Idade Média e proclamando o livre exame das Escrituras e a responsabilidade individual de responder ao chamado de Deus no texto sagrado, contribuiu para a ampliação do acesso à alfabetização. Essa é uma marca do protestantismo nas culturas em que se instala. Trata-se da ênfase na educação para o letramento. A educação escolar faz parte da tradição protestante (Graff, 1995; Chartier, 2009; Gadotti, 2002). Além das ações dos reformadores do século XVI e dos que os antecederam (sempre com algum vínculo com a universidade, possibilitando reflexões sobre o poder transformador do conhecimento produzidos por essas instituições), a chamada reforma católica ou Contrarreforma, a consolidação da Companhia de Jesus ou Ordem dos Jesuítas e suas importantes contribuições educacionais no século XVII, e o pensamento de João Amós Comenius, principalmente na obra *Didática magna: a arte de ensinar tudo a todos* serviram de referência para o pensamento educacional posterior. São amplas, portanto, as possibilidades de pesquisas referentes à influência cristã na educação escolar ocidental, desde as instituições e os métodos medievais que culminaram no surgimento das universidades, cujas estruturas, mesmo com todas as transformações, mantêm traços da sua tradição. A tradição cristã contribui, portanto, para a importância dada à educação escolar extensiva a todas as

peças na cultura ocidental. Como será demonstrado mais adiante, essa importância não se limitará à alfabetização, ao saber suficiente para a leitura e interpretação do texto sagrado, mas serão considerados objetivos mais amplos referentes à produção do conhecimento do mundo de Deus para que seja ele dominado e cultivado para o bem humano e para a glória de Deus.

As convicções cristãs contribuem indiretamente para um dos valores marcantes da cultura ocidental: o individualismo que está relacionado ao princípio da liberdade. Minogue (2019) lembra que o individualismo aqui mencionado não deve ser confundido com egoísmo; trata-se da ênfase na individualidade e na liberdade dos indivíduos livres para que possam assumir as suas responsabilidades e barganhar o seu trabalho ou outros bens sob sua posse. Indivíduos livres devem ser também virtuosos para que possam exercer a sua liberdade com responsabilidade. Minogue (2019, p. 28) afirma: “A liberdade como condição moral só é possível quando combinada com a responsabilidade”. A liberdade e responsabilidade cristãs fundamentam-se no amor: “Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Filipenses 2:4). Essa moral inclui-se no que Minogue (2019) chama de “moral clássica” e que tem sido ameaçada, segundo ele, pelo estatismo, pelas regulamentações que tornam os indivíduos dependentes de um Estado protetor. A moral clássica, praticada numa sociedade individualista, livre, nos moldes ocidentais, especificamente europeu, tem como um dos seus importantes fundamentos a herança religiosa, cristã, que tem como objetivo da vida enfrentar os desafios da experiência cotidiana, encarando-os como oportunidade para demonstrar as suas reais qualidades: “A vida é uma espécie de jogo a ser praticado segundo as regras, em que o importante é menos ganhar ou perder que dar o melhor de si” (Minogue, 2019, p. 234). A moral cristã contribui de forma efetiva para esse ideal. Reed (2019, p. 7-8) estabelece uma relação direta entre uma sociedade livre e o caráter dos seus integrantes:

[...] o caráter faz toda a diferença no mundo. Você é responsável por seu próprio caráter e pode exercer influência considerável sobre o caráter dos outros pelo seu exemplo. [...] Se valoriza a liberdade, precisa entender que o caráter é um ingrediente indispensável – uma pré-condição necessária – para uma sociedade livre. [...] O caráter vem em primeiro lugar e torna a liberdade possível, e um dos chamados mais nobres de um adulto responsável em uma sociedade livre é ser um empreendedor honesto que gera valor, emprega pessoas e resolve problemas.

Para a formação e expansão da religião cristã, as contribuições da cultura grega têm sido reconhecidas como fundamentais. Alguns autores ressaltam

que, em contrapartida, a expansão do cristianismo serviu para a divulgação e consolidação da cultura grega no mundo ocidental. As relações entre filosofia e teologia sempre foram consideradas tensas, porém necessárias. Daí a conhecida questão levantada por Tertuliano: “O que tem Jerusalém a ver com Atenas?”. Entre os autores supramencionados, encontram-se Minogue (2019) e Dawson (2020), que apontam contribuições da filosofia grega para as elaborações teológicas cristãs, como fazem os historiadores em geral, mas ressaltando também as referidas contribuições do cristianismo para a filosofia. Os debates teológicos e as elaborações deles decorrentes, além das instituições educativas cristãs, teriam também contribuído para a preservação e circulação das ideias filosóficas, da cultura greco-romana, e para que a sua influência se consolidasse no Ocidente.

É possível considerar ainda a importância da cosmovisão cristã para o desenvolvimento da ciência moderna. Pearcey e Thaxton (2005, p. 16) citam estudos que demonstram que “a fé cristã inspirou de várias formas o nascimento da ciência moderna”. Ao argumentarem que a Europa Ocidental é o berço da ciência moderna, citam Eieseley: “foi o mundo cristão que, por fim, deu à luz de maneira clara e sistematizada o método experimental da ciência propriamente dita” (Pearcey; Thaxton, 2005, p. 16). Expõem de forma sistemática os pressupostos cristãos que estimularam a origem e o desenvolvimento da ciência. Embora reconhecendo certas controvérsias entre a Igreja e a ciência em determinados momentos e em pontos específicos, afirmam como um mito a incompatibilidade entre ciência e fé cristã. Apresentam diversos precursores da ciência modernas e seus fundadores como cristãos que desejavam produzir conhecimento sobre o mundo de Deus, para glorificá-lo, beneficiando a humanidade. Citam as produções de Johannes Kepler (1571-1630), William Gilbert (1540-1603), Galileu Galilei (1564-1642), René Descartes (1596-1650), Isaac Newton (1642-1727), entre outros. Comentam as realizações desses primeiros cientistas e como eles as articulavam à cosmovisão cristã. Sobre Newton, afirmam: “Newton via Deus como um grande engenheiro; ele escreveu que o Criador do sistema planetário devia ser ‘exatamente apto em mecânica e geometria’” (Pearcey; Thaxton, 2005, p. 81). Pearcey e Thaxton (2005, p. 67) concluem: “a ciência moderna surgiu pela interação complexa do pensamento cristão com o grego”.

Hoykaas (1988) relaciona a contribuição especificamente do protestantismo para o desenvolvimento da ciência moderna com o conceito de “ascetismo intramundano” de Max Weber. Segundo este autor, o protestantismo nega o mundo, enfrentando-o, com o objetivo de transformá-lo para a glória de Deus. Essa abordagem articula-se com a convicção cristã de que Deus é o Criador e Senhor do mundo, e o homem, criado à sua imagem e semelhança, foi designado como mordomo, administrador dessa criação divina. O homem foi colocado no jardim para o dominar, cultivar e guardar. Assim, o conhecimento da natureza e das

leis que a regem, o conhecimento do homem, suas potencialidades e relacionamentos são essenciais para o cumprimento da vocação no mundo. Essa convicção justifica o desenvolvimento da educação escolar para além da alfabetização, da leitura, da escrita e da interpretação de textos. O homem é capaz de conhecer e deve aprimorar esse conhecimento para o bem da humanidade e para a glória de Deus.

Seguindo o mesmo raciocínio das formulações anteriores que associam a cosmovisão cristã ao espírito científico, Nicodemus (2019), ao discutir as origens cristãs da universidade e suas contribuições para o desenvolvimento da ciência moderna, afirma ser a cosmovisão cristã um contraponto às crenças panteístas que, por receio de “penetrar nos segredos e na intimidade de Deus”, abstinham-se de questionar o mundo e de tentar desvendar os seus mistérios. A convicção judaico-cristã de que Deus criou todas as coisas e está, portanto, acima das suas criaturas, dotando de racionalidade, inteligência, é um estímulo para a pesquisa científica. A ciência, nesse caso, é de origem divina. Deus, onisciente, concedendo ao homem a capacidade de compreender a natureza, a criação. Essa ênfase remete também às questões éticas envolvidas não apenas na pesquisa científica em geral, mas também na formação profissional e integral do indivíduo, visando à sua dignidade e ao seu desenvolvimento.

A influência cristã é também perceptível no campo da política e das relações sociais. A fé cristã afirma que as autoridades constituídas são ministros de Deus para garantir a ordem e a segurança públicas. Devem, portanto, ser honradas e obedecidas, tendo como único limite para essa obediência o choque direto com a orientação de Deus em sua Palavra. Isso pode ser estudado com maior profundidade na obra clássica de Calvino (2006, p. 451-481), *As Institutas*. Ferreira (2016) faz uma ampla exposição quanto à política na cosmovisão cristã. A obediência e a honra às autoridades, a pertinência do pagamento de tributos são amplamente fundamentados no texto sagrado dos cristãos: a Bíblia.

Embora a organização política seja considerada necessária, útil, legítima, instituída por Deus, tendo funções específicas segundo a orientação divina, há também limitações. Nessa perspectiva, o despotismo e a divinização dos príncipes são incompatíveis com a cosmovisão cristã por serem considerados idolatria. São diversos exemplos históricos de conflitos entre cristãos e líderes despóticos que exigiram práticas idólatras, como transferir para a criatura a glorificação devida exclusivamente ao Criador. Essa mesma rejeição cristã é aplicável ao “estatismo” de ideologias políticas modernas que considera o Estado como um ente benfeitor capaz de “cuidar da vida das pessoas”, confiscando compulsoriamente o produto do trabalho de uns e redistribuindo arbitrariamente. Essa ampla função do Estado extrapola o ensino bíblico quanto ao propósito da sua instituição. É o que, em síntese, é chamado por Ferreira (2016) de “idolatria do Estado”. Esse

entendimento favorece os ideais de liberdade que têm sido um dos fundamentos da cultura ocidental, embora ameaçados atualmente pelas ideologias estatistas e igualitaristas. Allen (2022) alerta para a diferença entre a “justiça social”, proclamada por essas ideologias, que ele chama de “justiça ideológica”, e a justiça bíblica, defendida pela cosmovisão cristã. A preocupação com os pobres, as viúvas e os órfãos faz parte da tradição cristã, tendo abundante base bíblica. Essa ação em benefício dos mais pobres, doentes e fracos deve ser baseada no amor voluntário e na generosidade, independentemente do confisco compulsório do Estado. Trata-se aqui da “moral individual” referida por Minogue (2019). O estatismo igualitarista ameaça duas virtudes cristãs: a generosidade, pois os indivíduos não se dispõem mais a ajudar voluntariamente o seu próximo, mas se limitam a cobrar “uma providência das autoridades”. A outra virtude que é minimizada é a gratidão, pois o necessitado, ao ser ajudado, considera que recebeu o que era o seu direito. Afinal, o seu benfeitor (que nesse caso nem seria benfeitor) teria uma “dívida social” para com ele. A liberdade e o voluntariado generoso estão relacionados ao ensino cristão que alimenta os ideais de liberdade cultivados pela cultura ocidental. Biéler (1990) contribui para o aprofundamento do estudo sobre esse tema ao discutir a compreensão do reformador João Calvino acerca da aquisição e administração das riquezas. Trata-se de leitura importante para, com base em fontes primárias, inclusive na própria produção intelectual do reformador, desencantar mitos relacionados ao tema. Trata-se de menções superficiais ao “reformador de Genebra” sobre o tema das riquezas, o que se observa principalmente em livros didáticos e reproduções apressadas dos seus conteúdos. O pensamento econômico e social de João Calvino tem sido referência importante para nortear comportamentos em diversos contextos, como analisa Weber (2004).

Considerando o que os estudiosos da sociologia da religião e das ciências da religião em geral afirmam sobre a importância da compreensão dos impactos dos credos religiosos como parte da cultura, sendo um elemento de “construção do mundo”, refletir sobre as marcas do cristianismo na sociedade ocidental é de grande importância. Reconhecendo, como os próprios cristãos reconhecem, a maior ou menor distância entre as convicções professadas e a vida praticada em diferentes contextos, o padrão recebido, proclamado e tido como referência para a ação no mundo, deixa as suas marcas em diversos aspectos da vida em sociedade. Se, a partir da leitura deste brevíssimo texto, reflexões sobre a generalizada crítica ao mundo ocidental despertarem novas possibilidades de análise e forem estimulados estudos específicos sobre temas aqui mencionados, terão sido cumpridos os objetivos deste estudo introdutório.

## **The influence of Christianity on the formation of Western culture**

### **ABSTRACT**

*This study discusses Christianity as one of the main matrices of Western culture. It is theoretically based on Max Weber (2004), who points out the impact of religious convictions on the social action of individuals, constituting an important element for the analysis of different societies. Dawson (2016), Minogue (2019), Nicodemus (2019), Pearcey and Thaxton (2005) and Cambi (1999) served to dialogue on various aspects of the proposed theme. This is an introductory study with the objective of stimulating reflections and thematic delimitations that allow for more in-depth approaches.*

### **KEYWORDS**

*Religion. Christianity. Western culture.*

### **REFERÊNCIAS**

- ALLEN, S. D. *Por que a justiça social não é a justiça bíblica*. Um apelo urgente aos cristãos em tempos de crise social. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- BERGER, P. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BIÉLER, A. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo: Cultura Cristã, 1990.
- CALVINO, J. *As Institutas*. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 4.
- CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- CHARTIER, R. As práticas da escrita. In: ARIÈS, P.; DUBY, G. (dir.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 3.
- COHN, G. *Weber: sociologia*. São Paulo: Ática, 2000.
- DAWSON, C. *Criação do Ocidente: a religião e civilização medieval*. São Paulo: É Realizações, 2016.
- DAWSON, C. *A crise da educação ocidental*. São Paulo: É Realizações, 2020.
- FERREIRA, F. *Contra a idolatria do Estado: o papel do cristão na política*. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- GADOTTI, M. *Histórias das ideias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 2002.
- GRAFF, H. J. *Os labirintos da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- HOYKAAS, R. *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*. Brasília: Editora UnB, 1988.

LIBÂNIO, J. B. O cristianismo e a cultura ocidental. *O Tempo*, Belo Horizonte, 24 abr. 2013. Opinião. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/joao-batista-libanio/o-cristianismo-e-a-cultura-ocidental-1.697>. Acesso em: 28 mar. 2023.

MATOS, A. S. de. Breve história da educação cristã: dos primórdios ao século XX. *Fides Reformata*, v. 13, n. 2, p. 9-24, 2008. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/fides-reformata>. Acesso em: 28 mar. 2023.

MINOGUE, K. *A mente servil: como a democracia solapa a moral*. São Paulo: É realizações, 2019.

NICODEMUS, A. *Cristianismo na universidade*. São Paulo: Vida Nova, 2019.

NUNES, C. *Ide ensinai tudo a todos: 500 anos da pedagogia luterana*. Porto Alegre: Concórdia, 2017.

PEARCEY, N. R.; THAXTON, C. B. *A alma da ciência: fé cristã e filosofia natural*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

REED, L. W. *Como se preparar para uma economia liberal: princípios e práticas para destacar-se no novo cenário*. São Paulo: Faro Editorial, 2019.

WEBER, M. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WINES, E. C. *A República Hebraica: lei orgânica do Estado hebreu*. São Paulo: Inez Borges Consultoria Educacional, 2018.